

Professora-travesti-metamórfica: o corpo enquanto espaço, atmosfera e tempo

Teacher – travesty – metamorphic: the body while space and time,
atmosphere and time

*Sayonara Naidier Bonfim Nogueira*¹
*Euclides Afonso Cabral*²

RESUMO: Discutir corpo, gênero e sexualidade no domínio da Geografia ainda provoca polêmicas, especialmente, quando são as travestis, mulheres e homens trans que narram suas próprias experiências de espaço e lugar. Os corpos trans no ensino geográfico e na formação do sujeito acabam rompendo com o discurso de neutralidade que por muito tempo a Geografia se esquivou ao abordar gênero e sexualidade. Deste modo, é possível cogitar que um corpo, um sujeito, uma professora trans e sua prática pedagógica não apenas representa parte do que é tido enquanto paisagem de uma escola como interroga um estigma que é atribuído a partir de um imaginário social transfóbico sobre determinados ensaios paisagistas. O corpo travesti e geográfico marcado pela metamorfose e estigmas busca uma nova forma de produzir conhecimento e demandas educacionais, para promover visibilidade e abrir caminhos entre paisagens, territórios e lugares, mesmo que a passos lentos, porém largos, dentro de uma sociedade que condena as pessoas que estão fora de uma certa cisheterossexualidade compulsória.

PALAVRAS-CHAVE: Travesti. Corpo. Metamórfico. Geografia. Lugar.

ABSTRACT: Discussing body, gender and sexuality in the field of Geography still causes controversy, especially when travesty, transgender women and men narrate their own experiences of space and place. Trans bodies in geographic teaching and individual formation

¹ Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora de Metodologias na Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) no Curso de Pedagogia. Presidenta do Conselho Popular LGBTQIA+ de Uberlândia. Presidenta do Instituto Brasileiro Trans de Educação. Secretária de Comunicação da Rede Trans Brasil.

² Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia/MG, nota 5 Capes (2021), apresentando dissertação com o Título: "A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO MUNICIPAL EM UBERLÂNDIA". Especialista em Educação de Jovens e Adultos: EJA na Juventude, 2017/2017, Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia. Atua como docente na Fundação Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), no curso de Licenciatura em Pedagogia e Matemática, nas áreas de metodologias de ensino (EAD). Atualmente Professor efetivo no Município de Uberlândia, no Ensino Fundamental e no Programa Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos (PMAJA). Coordenador Geral do Fórum do Triângulo Mineiro de Educação de Jovens e Adultos.

breaking with the neutrality discourse that for a long time the Geography has dodged when addressing gender and sexuality. In this way, it is possible to cogitate that a body, a individual, a trans teacher and her pedagogical practice not only represents part of what is considered a school landscape but also questions a stigma that is attributed from a transphobic social imaginary about certain landscape essays. The travesty and geographic body marked by metamorphosis and stigmas, seeks a new way of producing knowledge and educational demands, to promote visibility and open paths between landscapes, territories, and places, even if in slow but large steps within a society that condemns people who are outside a certain compulsory cisheterosexuality.

KEYWORDS: Transvestite. Body. Metamorphic. Geography. Place.

* * *

Introdução

Gosto de comparar minha transição a de uma rocha metamórfica que são rochas “despertadas” de outros tipos de rochas, distante de seus locais de concepção e dominadas à pressão e temperaturas que se transformam e modificam suas características. Elas conservam-se sólidas ao longo de todo o seu processo de formação. E esse metamorfismo é diferenciado em relação ao outro. E assim podemos ser gnaisses, ardósias e mármore, mas únicas, com diferentes propriedades, resistentes e capazes de suportar choques mecânicos.

A presença da professora-travesti-metamórfica torna-se um instrumento de encorajamento para que outras rochas (corpas) metamórficas se transformem nas salas de aula. O nosso trabalho enquanto “adultos de referência³” transforma os outros e nos transforma e o mais importante é que não fabricamos produtos, todavia, libertamos processos.

Discutir corpo, gênero e sexualidade no domínio da Geografia ainda provoca polêmicas, especialmente, quando são as travestis, mulheres e homens trans que narram suas próprias experiências de espaço e lugar. Dias (2020, p. 337) descreve que “a materialidade do corpo trans é uma potente

³ SEFFNER, F.; REIDEL, M. Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 445-464, maio/ago. 2015.

ferramenta para desconstruir noções binárias de ensino, pois como esses corpos estão em trânsito, eles desestruturam a visualidade de gênero cisnormativa”.

O espaço escolar reproduz a hegemonia da cisheteronormatividade, é imposto pela família e pela sociedade, tornando-se um grande calvário para as pessoas trans. Entretanto, percebe-se na atualidade que travestis, mulheres e homens trans vivenciam estes espaços e a Geografia pode dar voz a estes sujeitos que sempre foram silenciadas(os) e subverter a ordem instituída que naturaliza as injustiças cotidianas provocadas pela ordem compulsória da heteronormatividade (SILVA, 2008).

A Geografia necessita desempenhar sua função social de proporcionar momentos de debates e discussões acerca do corpo, gênero e sexualidade e permitir o desenvolvimento da criticidade no indivíduo. Porém, muitas vezes a escola e a universidade não trabalham de forma adequada estas temáticas, contribuindo para a ausência de entendimento e conhecimento e desrespeito nas relações sociais que leva a processos de exclusão.

A escola aparece como uma instituição que silencia a dor sofrida e legitima as normas e valores hegemônicos da sociedade heteronormativa, assim como a agressão aos seres que não se enquadram na ordem de gênero instituída. Os gestos e ações cotidianas expressam a mensagem de que o espaço educacional não os acolhe e isso impregna em sua autoestima e acaba por produzir uma autoimagem de ser anormal (SILVA, 2008, p. 11).

Rodrigues e Silva (2018) destacam que o ensino da Geografia precisa preocupar-se com as vivências espaciais dos corpos, de que eles se desloquem até o espaço escolar partilhem suas experiências, vivências e sentimentos com os demais. Que o corpo seja tratado enquanto ser político de pertencimento. Que ele olhe para o espaço e reconheça enquanto seu lugar.

Moraes (1995) menciona que a Geografia quase sempre falou de árvores, ao falar dos seres humanos colocou-os como elementos da paisagem,

analisou-os como se analisa árvores e rochas. É essa a memória incômoda que acompanha o pensamento geográfico. Sua dissecação no presente, quando esta disciplina vive um amplo processo renovador, é um pressuposto para a construção de um saber geográfico mais generoso, orientado no sentido do progresso social e que promova a justiça social.

O ensino da Geografia necessita colaborar para a formação de cidadãos conscientes das práticas espaciais e dos desafios que a sociedade encontra para a construção de uma cidade e espaço melhores. A Geografia não pode separar a natureza da sociedade e o corpo docente deve ter uma visão ampla de toda essa totalidade, promovendo a reflexão sobre a conscientização de uma Geografia que insere o corpo como uma de suas categorias.

Nunes (2014) cita que somos sujeitos marcados pela diferença, seja de gênero, identidade de gênero, etnia, credos, fé, língua, ideologia, política, entre tantos outros aspectos que nos constituem como humanos. A diferença produz espacialidades diversas e outras geografias, uma Geografia dos Corpos é muito distinta das Geografias do Corpo: a primeira fundamenta-se na diversidade e a segunda, na diferença.

É preciso aplicar um olhar que ressignifique que o ensino de Geografia é uma urgência. Prontamente, a paisagem se torna um caminho viável. Os debates contemporâneos sobre corporeidades se potencializam quando o assunto é lugar, espaço, território, paisagem, e esses são movimentos que admitem a interdisciplinaridade entre as áreas (SILVA; RODRIGUES, 2018).

Para Silva e Silva (2012), no contexto da Geografia o estudo das categorias de análise geográfica é fundamental para a compreensão das constantes transformações do espaço geográfico. A construção dos conceitos dessas categorias, espaço geográfico, lugar, paisagem, território, região é considerada pré-requisito para a compreensão dos elementos presentes na organização do espaço.

E o corpo é um importante elemento do espaço geográfico que, indissociavelmente, transforma e é transformado por esse. Nosso corpo não é apenas um meio no qual armazenamos e processamos as informações: a construção metafórica e conceitual se estabelece no corpo a partir das experiências apreendidas cognitivamente. A corporalidade atua na elaboração de conceitos e de metáforas que são base para a construção de nosso pensamento, e também para a nossa atuação no espaço, e abre um espaço de sensibilização e ressignificação do mundo, vincula tempo-espaço individual e tempo-espaço coletivo, instituídos em um movimento no qual o sujeito interpreta a si, ao outro e ao mundo – rompendo com a ideia do espaço como mera representação (XAVIER, 2014, p. 06).

É imprescindível ampliar o debate sobre o corpo e suas interseccionalidades no contexto da Geografia, rompendo o silêncio destas temáticas na escola e nas universidades. Os corpos trans no ensino geográfico e na formação do sujeito acabam rompendo com o discurso de neutralidade que por muito tempo a Geografia se esquivou ao abordar gênero e sexualidade.

É o corpo da professora-travesti-metamórfica que inicia no campo da Geografia a refletir sobre o corpo enquanto espaço, atmosfera e tempo na construção do espaço geográfico. E essas reflexões partem da diferenciação do gênero dos demais conceitos, incluindo em suas performances na sala de aula as identidades de gênero e orientação sexual. A importância do pensamento interseccional no que se refere a classe, raça e vulnerabilidades. E por fim, o ensino da Geografia que leve a pensar sobre as relações de dominação, processos de opressão e exclusão, trajetórias, vivências e lugares dos corpos não cabíveis.

Qualquer pessoa vivencia simultaneamente múltiplas categorias sociais como gênero, raça, religião, classe, idade, orientação sexual etc. Essa concepção envolve considerar as identidades como fluidas, instáveis, complexas e em estado permanente de construção / desconstrução. As pessoas vivenciam os processos identitários ao longo da vida concreta e esta experiência contempla tempo e espaço. O termo interseccionalidade passa a

ser utilizado como uma atitude metodológica de articular as diferentes categorias sociais vivenciadas pelos seres humanos e evidenciar que estas articulações resultam em diferentes experiências (SILVA, 2010, p. 51).

O espaço na sua constituição material, lógica e simbólica, ou ainda, como instância econômica, política e cultural são construções sociais mediadas pelos sujeitos. E é como corpo que os sujeitos são tangíveis, concretos e contraditórios. Disso resulta, um espaço corporificado, denso de distinções sociais, classificações, afetos, memórias e outras tantas dimensões que são parte da permanente construção social e espacial do mundo. Portanto, é na corporeidade que os sujeitos são e estão no mundo. Como corpo se distinguem e se identificam, bem como, são parte do espaço e do tempo (RAMOS; MILANI, 2022).

Poderia então falar de uma Geografia sem corpos? Como pensar o corpo enquanto Geografia? Como o corpo travesti constrói o espaço geográfico através de sua identidade, pertencimento, paisagem e território? Segundo Lima (2007, p. 67), “para um indivíduo não haveria espaço se ele próprio não fosse um corpo no mundo, ou seja, ele é no espaço”.

Ramos e Milani (2022) trazem que o espaço precisa ser encarado como instância de cruzamento e instabilidades, em que diferentes escalas (inclusive a corporal) e experiências sociais, culturais, políticas e econômicas ocorrem e o produzem. Isso quer dizer que o espaço, não é apenas um lugar/localização de sistemas de objetos, mas uma instância da realidade em que se materializa a expressão da interseccionalidade das dimensões que compõem os corpos.

Assim sendo, é possível perceber que meu corpo travesti nas aulas de Geografia ainda possuía uma visão muito limitada por parte dos outros corpos cisheteronormativos, já que não conseguiam compreender que existe uma diversidade dentro da sexualidade, que envolve às identidades de gênero e suas performances que constrói o espaço geográfico.

Aprendemos nas escolas e com os nossos pais que a borboleta vem da

lagarta. A lagarta depois de passar por diversas fases de transformação, passa pela etapa da crisálida, pela clausura em seu casulo até levantar o voo em forma de borboleta. E assim, são muitas de nós, passamos por uma metamorfose até materializarmos nossa identidade de gênero e nesse processo muitas vezes somos crisálidas, o princípio de transformação e aurora de existência, nem homem e nem mulher.

E é esse corpo metamórfico que desconstrói o gênero todos os dias, pois é um corpo que fala por si só, além de ser um ato político que impacta na formação de um espaço demonstrando caminhos e fazendo com que o outro cresça, compreendendo o outro como seu igual, mesmo que na diferença.

Dias (2020) destaca que para as professoras(es) travestis, mulheres e homens trans, a prática docente é uma experiência pessoal que produz rupturas a partir de suas corporalidades e de seus discursos de questionamento da cisheteronorma. O fruto dessas vivências trans e travestis é a reflexão sobre outras formas de ensinar e de fazer educação.

Conforme Madrid (2019), se a escola espelha as estruturas, as dominações e as exclusões socioespaciais, ela também ocupa uma posição de promover debates que contribuam na reflexão destas estruturas (racista, patriarcal, machista, misógina, heteronormativa, transfóbica, homofóbica, bifóbica) para que se tenha uma quebra/desconstrução.

La trayectoria de una profesora travesti trae un cuerpo marcado por la exclusión, por la discriminación; cargado de experiencias y de historias, que ofrece debates tan importantes en la escuela y en la sociedad para que puedan volverse más humanas. A través de la Geografía, es posible introducir los debates de género, sexualidades y diversidad dentro del aula, convirtiendo la rutina escolar (SILVA, 2020).

E nessa perspectiva é preciso refletir sobre a Geografia que se absorve e aborda as vivências espaciais dos corpos, que transitam no espaço escolar e compartilham suas experiências, vivências e sentimentos com os demais, pois este

corpo trans deve ser abordado enquanto ser político de pertencimento.

Rodrigues e Silva (2018) mencionam que o ensino da Geografia deve considerar os conhecimentos decorrentes de suas vivências espaciais e experiências, resultado de seus deslocamentos, pertencimentos e convivências com diferentes pessoas e grupos sociais. Ensinar a Geografia a partir da construção do corpo que molda o espaço geográfico permite trabalhar com representações.

Deste modo, é possível cogitar que um corpo, um sujeito, uma professora trans e sua prática pedagógica não apenas representa parte do que é tido enquanto paisagem de uma escola como interroga um estigma que é atribuído a partir de um imaginário social transfóbico sobre determinados ensaios paisagistas.

Rodrigues e Silva (2018) afirmam que arquitetar novas narrativas, mirando metodologias diferenciadas é propor para o corpo e a paisagem, assim como para a Geografia, que nem tudo está tão distante quanto se parece. Em outras palavras: o corpo, talvez, seja tão paisagem, quanto à paisagem, quem sabe, seja corpo.

A abordagem do corpo como lugar é apresentada por Linda McDowel (1999). Segundo ela, o corpo é um espaço em que o indivíduo se localiza e os limites são mais ou menos permeáveis em relação aos outros corpos. A forma física, o volume e o tamanho do corpo resultam na ocupação de um espaço físico e o modo como o corpo se apresenta frente aos outros é lido e percebido pelos demais e varia conforme o local que ocupam em cada momento (SILVA, 2010).

A própria vivência enquanto pessoa trans e professora de Geografia produz experiências valorosas que somadas ao contato com os estudos de gênero admitem provocar transformações nas realidades por onde passam. Escouto e Tonini (2021) apresentam que as vivências, dentre elas, as vivências do espaço escolar carregam marcadores definidos pelo gênero e pelas sexualidades que deixam marcas nas pessoas. Principalmente, naquelas que sofrem algum tipo de discriminação em relação a sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Para Moraes (1995), existem tantas Geografias quantos forem os métodos de interpretação. A Geografia depende da postura política, do engajamento social, de quem faz a Geografia. Assim, existirão tantas Geografias, quantos forem os

posicionamentos sociais existentes. Um geógrafo militante já disse que a Geografia é uma prática social referida ao espaço terrestre, a qual pode ser de dominação, mas também de libertação.

E a Geografia de uma travesti é um corpo que luta, que demarca seu território, luta pela vida, pela sobrevivência e o espaço que compõe, as redes urbanas e o lugar. A Geografia pode ser explicada de diferentes formas, pela ótica de diversos grupos sociais. E o corpo travesti observa sua Geografia marcada pela exclusão, pelo estigma, a violência e a dor.

O corpo travesti e geográfico marcado pela metamorfose e estigmas busca uma nova forma de produzir conhecimento e demandas educacionais, para promover visibilidade e abrir caminhos entre paisagens, territórios e lugares, mesmo que a passos lentos, porém largos, dentro de uma sociedade que condena as pessoas que estão fora de uma certa cisheterossexualidade compulsória.

Enquanto professora-travesti-metamórfica, meu corpo se fez presente na vida de muitas pessoas, gente que jamais teve ou imaginava ter contato ou saber o que é uma travesti. Deste modo, esse corpo alterou todo o espaço geográfico de sua escala local, chamando a atenção que sua comunidade ainda segue à margem da sociedade, considerada invisível, muitas ainda excluídas das condições de prover sua própria manutenção, tendo a rua o espaço/lugar como meio para sobreviver.

Referências

- ESCOUTO, C. M.; TONINI, I. M. A Geografia ainda está no armário? Silêncios e naturalização no espaço escolar. *Revista da ANPEGE*. v. 17. n.º. 32, p. 309 - 324, 2021.
- LIMA, E. L. Do corpo ao espaço: contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty a análise geográfica. *GEOgraphia*, Ano IX, n. 18, 2007.
- MADRID, C. Gênero como conteúdo nas aulas de Geografia na Educação básica. *Anais do 14º ENPEG – Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia: Políticas, linguagens e Trajetórias do Ensino de Geografia*, Unicamp, Campinas/SP, 2019.
- MORAES, A. R. C. *Geografia – Pequena História Crítica*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- NUNES, C. X. *Geografias do Corpo: por uma Geografia da Diferença*. 2014. 245 fls. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-

Graduação em Geografia, Porto Alegre/RS, 2014

RAMOS, E. C. M.; MILANI, P. H. O corpo fora de lugar: de uma geografia dos indivíduos para uma geografia dos sujeitos. *GEOgraphia*, Niterói, v. 24, n. 52, e51617, 2022.

RODRIGUES, A. F. F.; SILVA, R. A. Geografia, Paisagem e Corpo: o corpo enquanto parte do processo de ressignificação do ensino a Geografia. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v. 9, n. 2, p. 293-303, 2018.

SILVA, D. H. O. *Prácticas docentes de profesoras travestis y transexuales*. Lima, Perú: PROMSEX/RIE, 2020.

SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *X Colóquio Internacional de Geocrítica*, Universidade de Barcelona, 26 a 30 mai. 2008.

SILVA, J. M. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n. 27, p. 39-55, jan./jun. de 2010.

SILVA, M. S. F.; SILVA, E. G. O ensino da Geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos. *Anais: VI Colóquio Internacional – Educação e Contemporaneidade*, São Cristóvão/PE, 20 a 22 set. 2012.

Recebido em dezembro de 2022.
Aprovado em abril de 2023.